



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

DISCURSOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA MÍDIA: UMA ESTRATÉGIA DE CONTROLE SOCIAL EM OPERAÇÃO¹

Clarissa Corrêa Henning²

Bárbara Hees Garré³

Paula Corrêa Henning⁴

RESUMO: O presente artigo pretende analisar alguns discursos sobre Educação Ambiental em propagandas midiáticas no Brasil. Para isso, selecionou-se como referencial teórico da pesquisa autores vinculados ao chamado Pós-estruturalismo. Ao estudar alguns discursos daquele campo de saber entende-se que a mídia coloca em operação uma relação de poder ao fabricar coisas, produzir sentidos e constituir sujeitos. Utilizando as ferramentas conceituais de Biopoder e Sociedade de Controle evidencia-se o quanto os discursos da Educação Ambiental presentes na mídia são uma importante estratégia de controle social na atualidade.

Palavras-chave: Mídia; Discurso; Educação Ambiental; Biopoder; Controle Social.

ABSTRACT: In this article we intend to analyze some discourses about Environmental Education in midiatic propagandas in Brazil. As theoretical reference for the study we selected authors related to the so called Post-structuralism. By studying some discourses from that field of knowledge we are able to understand that the media puts into work a relationship of power by fabricating things, producing senses and constituting subjects. Employing the conceptual tools of Biopower and Control Society it is possible to evidence how important the Environmental Education discourses present in the media are as a tool of social control.

Key words: Media; Discourse; Environmental Education; Biopower; Social Control.

¹ Esta pesquisa conta com o apoio financeiro da FAPERGS e da CAPES.

² Jornalista. Cursando especialização em Jornalismo e Convergência de Mídias pelo Centro Universitário Feevale – Novo Hamburgo/RS. E-mail: clarissahenning@yahoo.com.br

³ Pedagoga. Mestranda do Programa de Pós-graduação Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande. Bolsista da CAPES. E-mail: barbaragarre@gmail.com.

⁴ Doutora em Educação e professora adjunta do Instituto de Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental e do Programa de Pós-graduação Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: paula.henning@ig.com.br

Pensando acerca dos discursos midiáticos sobre Educação Ambiental fomos provocadas a escrita desse texto. Querendo articular o campo da Educação Ambiental a potente ferramenta da mídia, colocamos sob análise algumas propagandas que vem fortemente circulando em veículos da comunicação como televisão e internet. Para isso, nesse artigo, buscamos provocar nosso pensamento a respeito da mídia como um artefato que produz discursos, interpela sujeitos e produz formas de ser e viver o contemporâneo. Atrelado a essa discussão, trazemos algumas propagandas do campo da Educação Ambiental para colocá-las em exame.

Parece que estamos de acordo a respeito da emergência do campo da Educação Ambiental no Brasil a partir do início da década de 90 do século XX, mais especialmente. A devastação ambiental, o derretimento das geleiras, as toneladas de lixo produzidas por nós, o aquecimento global viraram questões atuais e recorrentemente tratadas no interior da mídia. Não há dúvida que com toda essa crise ecológica (GUATTARI, 1990) o discurso da Educação Ambiental está cada vez mais presente em nossas vidas. Aliás, não é a toa que recorrentemente nos deparamos com slogans da seguinte ordem: "Cada brasileiro joga fora cerca de 880 sacolas plásticas por ano. Vamos **juntos** preservar o meio ambiente para todos vivermos melhor. Use sacolas retornáveis" (propaganda da rede de supermercados BIG) [grifo nosso], ou ainda, "Cuidar bem do meio ambiente **todo mundo** pode" (propaganda do IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Ministério do Meio Ambiente, 2009) [grifo nosso].

Frente a isso, gostaríamos de provocar nosso pensamento acerca da força e produtividade dos discursos midiáticos nas nossas formas de ser e viver o contemporâneo, interpelando-nos e capturando-nos para agirmos frente aos problemas sociais, aqui especialmente tratando do problema ambiental. Nossa intenção, ainda que minimamente, é que pudéssemos provocar nosso pensamento para uma ecosofia mental, procurando "antídotos para a uniformização midiática e telemática" (GUATTARI, 1990, p.16).

Mídia e Produção de Sentido

A produção de um discurso nada mais é do que uma fabricação. Inventamos o objeto no mesmo instante em que começamos a descrevê-lo. O discurso midiático não foge dessa idéia. Ao estudar alguns dos discursos da Educação Ambiental e suas implicações com a produção de sentido que eles acarretam, selecionamos aspectos que consideramos relevantes para essa empreitada. E, dessa maneira, protagonizamos uma operação de poder, por menor que seja a difusão deste texto.

Entendemos que o funcionamento da produção de verdade deve ser estudado, deve ser analisado no que tange a seus efeitos de realidade, para além do certo ou do errado. Até porque os discursos encontram na mídia seu ponto máximo de difusão e, ao selecioná-los, a mídia coloca em funcionamento uma operação de poder. Esse jogo de oposições implica disputas e silenciamentos: o exercício do poder, como diz Foucault (1990), cria objetos de saber que produzirão informações a serem acumuladas e utilizadas. Dessa maneira, é a dinâmica dessas relações de força que procuramos examinar aqui.

De acordo com Fischer (1996), pode-se falar em um Dispositivo Pedagógico da Mídia, que se caracteriza como uma lógica produtora de sujeitos e sentidos, selecionando os discursos que terão visibilidade. Essa visibilidade, a princípio, reflete o mundo em que vivemos, e constitui o real. A verdade, assim, aparece como relação de poder e evidencia quem tem a primazia de elegê-la. E também de enunciá-la. Gomes ressalta que “enquanto mostram, as mídias disciplinam pela maneira de mostrar, enquanto mostram elas controlam pelo próprio mostrar” (2003, p. 77).

Dessa maneira, os modos de vida que são sugeridos pelo discurso midiático atravessam os receptores, e ajudam a construir – e manter – o que Foucault chama de “corpos dóceis”⁵ (2002). Nesse sentido, as notícias não deixam de integrar um sistema, um funcionamento, um tipo de estratégia – a disciplinar. Por outro lado, ao escolher dar

⁵ Nesse sentido, ver Foucault (2002), onde o autor analisa a constituição das sociedades disciplinares e o respectivo adestramento dos indivíduos, e Gomes (2003), pesquisadora que traça um interessante paralelo entre o disciplinamento dos corpos e o jornalismo.

visibilidade a determinados fatos e não a outros, elas controlam. Por isso se diz que a mídia constitui sujeitos.

A mídia, então, pode ser vista como um processo de adestramento do sujeito, de acordo com os ideais da massa. E mais: de maneira permanente e contínua. É este, como diz Hara (2007), o primado da comunicação: minuto a minuto ela molda nossa subjetividade com os ideais da massa ao nos convidar a participar, ao nos persuadir a jogar.

Os discursos midiáticos também são direcionados de acordo com certas perspectivas. Também são protagonistas de uma operação de poder. É por isso que Foucault (2001) pode dizer que não importa quem fala, porque o sujeito que fala, fala imerso em um certo regime de verdade que determina o que é *pensável*, o que é *possível* de ser compreendido. Mas ao demarcar seus limites, ao determinar o lugar do *bem* e do *justo*, esse regime de verdade também suscita questionamentos, também incita-nos a pensar sobre suas fronteiras e limites, sobre as possibilidades de romper ou de transformar a forma como a verdade é produzida e legitimada.

Ordenando e constituindo a realidade, a mídia fabrica modos de vida. Ela seleciona *o que* deve ser dito e indica *a maneira* como deve ser dito. Assim, coloca em funcionamento uma operação de poder que atinge inúmeras pessoas, tendo em vista o poder de circulação de seus discursos.

A verdade que é apresentada pela mídia é fruto de uma inclusão, mas também de uma exclusão. Ao eleger suas fontes, ao autorizar quem fala, também demarca quem são os que não podem falar. Essa operação é resultado de uma maneira de pensar, de um modo de legitimar que constitui a todos nós. Com isso, porém, não queremos dizer que o recorte da realidade seja sempre o mesmo: a questão central é, antes, analisar esses discursos como discursos que colocam o lugar do *certo*, do *adequado*, da *verdade*:

É preciso dizer dos discursos que eles representam uma forma de narrar o mundo e nessa forma está embutido o mundo a ser vivido. Por exemplo, há uma distância imensa entre uma concepção que nos mostra a defesa dos mais fracos como eixo de ação heróica e aquela que tem o sucesso como parâmetro. Ambas determinarão formas de atuação correlatas ao objetivo a ser perseguido, ao ideal colocado. Mais que isso, ambas colocarão os lugares da normalidade e da patologia, da ortodoxia e

da heresia, dos funcionais e dos excluídos, do bem e do mal. [...] Trata-se da estratificação de relações de poder sendo construída e mantida, pois o que caracteriza a discursividade é justamente a determinação de tais relações (GOMES, 2003, p. 41).

Deleuze e Guattari (2004) ensinam que a linguagem é um sistema de comando, não um meio de informação. Nesse sentido, a mídia seria um dos locais por excelência de difusão de Palavras de Ordem. Sendo a linguagem um sistema de comando, os veículos de comunicação se configuram como formadores de opinião. Preconizam verdades e constituem sujeitos. A incessante circulação dessas palavras de ordem, a contínua transmissão desses comandos é um dos elementos que caracterizam o controle como uma modulação, característica fundamental do que Deleuze chama de Sociedade do Controle (2006). Ela foi possível graças ao desenvolvimento das tecnologias comunicacionais – é aqui que a circulação das Palavras de Ordem corresponde ao próprio sistema de controle. A Sociedade de Controle encontra nas máquinas midiáticas um aliado fundamental. Elas ordenam subjetividades, integrando-as ao próprio funcionamento social. É dessa forma que a Sociedade de Controle articula-se ao que foi chamado por Foucault (2007) de Biopoder: a própria vida torna-se objeto de poder.

Biopoder e Discursos da Educação Ambiental

Pensando nos discursos midiáticos atuais sobre a Educação Ambiental, queremos evidenciar o quanto as campanhas que efetivam a vivência de um mundo melhor através de nossa consciência coletiva, estão eminentemente ligadas a uma estratégia de proteção com o mundo atual. Foucault apresenta o conceito de biopoder como uma tecnologia de poder. É importante lembrar que o conceito de poder para o filósofo evidencia uma ação sobre a ação dos outros e nesse sentido, possibilita resistência e criação de nós mesmos. Diante disso, queremos deixar claro que analisar as propagandas que vêm sendo produzidas na atualidade sobre Educação Ambiental não se vincula a criticar ou defender posição a respeito de tais anúncios midiáticos. Vincula-se, isso sim, a provocar nosso pensamento e pensar a Educação Ambiental para além de um campo de saber que busca o *contato com a natureza*, ou para além da “imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados”

(GUATTARI, 1990, p.36). Para nós, tal campo vincula-se também a estratégias de segurança e controle da sociedade, já que as campanhas de Educação Ambiental estão preocupadas com o futuro de nosso planeta.

Foucault (1985; 2005; 2008) cunha o conceito de biopoder, como uma tecnologia de poder que vai se preocupar em criar estratégias de gestão sobre a vida da população. Para o autor, este dispositivo de segurança surge em meados do século XVIII, deslocando o direito de “fazer morrer e deixar viver” do soberano para se apoiar em um poder de “fazer viver e deixar morrer”, tornando-se assim estratégia que tem como princípio a questão biológica, preocupada com a vida e o futuro de uma população. É importante colocar que embora haja um deslocamento, uma transformação, com o surgimento de novas tecnologias de poder, não ocorre um processo de substituição, de passagem da soberania para disciplina e da disciplina ao biopoder. Muito pelo contrário, há um cruzamento, uma articulação, uma complementação entre estas tecnologias.

Para Foucault a preocupação com a vida surge a partir do século XVII de duas formas diferentes, que não se contrapõe, mas se atravessam, se interligam, convivem. A primeira a preocupação é com o corpo individual, com o homem-corpo, aplicando técnicas de adestramento, vigilância, docilização, ampliando as aptidões, tornado os corpos dóceis e úteis para atender às exigências modernas. Foucault (1985 e 2002) caracteriza essa primeira forma, o poder disciplinar, como uma anátomo-política do corpo humano. Vemos na segunda, que surgiu mais tarde, em meados do século XVIII, uma preocupação com o corpo-espécie, com o homem enquanto ser vivo, pertencente de uma população, centrando-se em processos de longevidade, saúde, nascimentos, mortes e todas as variáveis relacionadas, constituindo assim uma bio-política da população (FOUCAULT, 1985; 2005 e 2008). Dessa forma, uma estratégia de poder não anula a outra, elas convivem, estão em operação conjuntamente, mesmo que em determinados momentos uma se exerça com maior potência do que a outra.

Podemos dizer então que, esse novo poder anunciado em final do século XVIII, busca encompridar a vida (FOUCAULT, 2008) ou, ainda mais do que isso, busca a prevenção, a defesa da sociedade contra o perigo. Tais propagandas interpelam o sujeito para que nós pensemos no futuro do planeta, para que nós percebamos a importância de nossas ações, para

que possamos salvar a Terra dessa devastação ambiental ou, pelo menos, para possibilitar a interrupção dessa crise ecológica que, conforme as propagandas, somente será possível com a ação de cada um de nós. Há nesta tecnologia de poder toda uma preocupação com a vida da população. Assim é que entendemos a campanha de Preservação Ambiental ou de Educação Ambiental que temos em nossa sociedade como uma estratégia do biopoder.

Consumo inteligente: escolha hoje o mundo de amanhã (Rede de Supermercados BIG, 2009).

[a respeito da propaganda alusiva ao aniversário de 20 anos do IBAMA] O objetivo da ação é conscientizar a população para a prática de ações sustentáveis no dia-a-dia, mostrando que pequenas mudanças de atitude ajudam a melhorar a qualidade de vida (IBAMA, março/2009).

Tais discursos são emblemáticos para pensarmos no quanto a mídia nos interpela e nos captura, modificando nossos pensamentos e práticas cotidianas a respeito de nossa relação com o planeta. Nesse sentido, gostaríamos de evidenciar a marca da coletividade presente nesses excertos e naqueles primeiros citados na página introdutória desse artigo. Os discursos, marcados que são por aquilo que Foucault denominou biopoder, capturam a população. O endereçamento de tais ditos não se veicula apenas para um sujeito, mas para o coletivo que deve, junto, se mobilizar para que ações individuais repercutam na transformação do meio ambiente. O campo de exercício que este dispositivo intervém são os fenômenos coletivos que podem – e devem – atingir e afetar a população. Assim, precisa-se estar constantemente prevendo, calculando, antecipando, medindo, colocando em operação os dispositivos que visam assegurar estrategicamente o bem-estar dessa massa de indivíduos.

Para o biopoder os mecanismos de previsão, estimativa, estatística probabilidade, ganham destaque e significado, já que é através deles que se torna possível mapear, diagnosticar, para poder traçar, calculadamente, as estratégias de prevenção, garantindo a seguridade dos indivíduos, prevendo o que poderá ocorrer no futuro e agindo para impedir que algo coloque em perigo a vida da população. Dessa forma, produzindo saberes que vão auxiliar na melhoria da qualidade de vida, minimizar os riscos, evitar a crise, o biopoder tem como finalidade a regulação, o equilíbrio e a homeostase da população.

Diante disso, uma outra característica desse mecanismo de poder refere-se a pensar o futuro, os riscos, crises e perigos que possam vir a afetar a população. Aliás, as campanhas de Educação Ambiental tão bem retratadas por propagandas midiáticas aqui selecionadas, evidenciam a preocupação com o futuro do Planeta. É necessário prevenir, intervindo hoje! Sendo uma série aberta, uma estimativa de probabilidades, o biopoder intervém para qualidade de vida da população, intervém diante de situações que possam vir a acontecer e, sendo assim, possam vir a ser transformadas, devido às atitudes tomadas por essa coletividade.

Por sermos sujeitos disciplinados, somos capturados por essa trama discursiva do biopoder. Regulando e direcionando nossas ações, tal estratégia de controle da população previne o futuro da nação.

O Greenpeace é uma organização global e independente que atua para **defender o meio ambiente** e promover a paz, **inspirando as pessoas a mudarem atitudes e comportamentos**. (site da Greenpeace, 2009) [grifo nosso].

Adotamos uma linguagem lúdica, fantasiosa e divertida para chamar a atenção das gerações mais novas para um problema muito sério, que diz respeito ao **futuro do planeta** e à preservação dos recursos naturais (Site do IBAMA a respeito da propaganda alusiva ao seu aniversário de 20 anos) [grifo nosso].

É necessário mobilizar o sujeito que assiste a esses discursos para que, em seu cotidiano, promova ações visando o futuro do nosso planeta. É necessário fechar a torneira quando escovar os dentes, lavar o carro economizando água, reciclar o lixo e tantas outras intervenções que a cada dia a mídia nos interpela, convidando-nos (ou convocando-nos?) a pensar no futuro.

Algumas perspectivas: para além do discurso da preservação do planeta

A nós parece claro a presença marcante de um mecanismo de poder cada vez mais evidente numa sociedade de controle tão cara ao tempo atual. Interpelar. Suscitar. Capturar. Exigências hoje advindas da mídia que nos convocam a tomar ações para preservação do Planeta Terra. Não queremos com isso dizer que não devemos agir pensando no futuro. Talvez

pensar nas ações por vir se torne fundamental para nossa vida na Terra. No entanto, existem questões pouco problematizadas por nós. Qual força e produtividade tem os discursos midiáticos que nos conduzem a ações diante do cenário contemporâneo? Talvez Foucault nos ajude a entender esse mecanismo de poder, tão evidente nas propagandas aqui analisadas, como uma ferramenta que produz coisas, forma sujeitos.

Diante disso, gostaríamos que nosso texto pudesse suscitar novas discussões no campo da Educação Ambiental, entendendo-a como um importante instrumento para o gerenciamento da sociedade atual. Talvez ele pudesse agir como uma singela ferramenta para constituição de uma máquina de guerra, tornado-se uma possibilidade de resistência e criação ao olhar a Educação Ambiental para além de um discurso de preservação do planeta. Talvez pudéssemos, aceitando o convite de Guattari (1990), pensarmos na criação de uma ecosofia, aproveitando os espaços de resistência produzidos por estratégias de poder que possibilitam a subversão e a produção de espaços éticos e políticos para o campo da Educação Ambiental.

REFERÊNCIAS:

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Mil Platôs – vol. I**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, dez. 1997. p. 59-80.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

_____. **Ditos e escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 25ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

_____. **Em defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Segurança, Território e População**: curso no Collège de France (1977- 1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo**. São Paulo: Edusp, 2003.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

GWERCAMAN, Sérgio. In.: **Revista Superinteressante**. São Paulo: Editora Abril, dezembro de 2007.

HARA, Tony. Sociedade da Comunicação: controle e captura da singularidade. In.: **Revista Aulas – Dossiê Foucault**. São Paulo: Unicamp - Nº 3 dez 2006/ mar 2007.

IBAMA. http://www.pick-upau.org.br/panorama/2009/2009.04.03/ibama_lanca_campanha. Acessado em 10 de agosto de 2009 às 18h.